

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

A Equação Lírica de Euclides da Cunha

The Lyrical Equation in the Poetry of Euclides da Cunha

Lais Peres Rodrigues – Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro,

laisperesrodrigues@gmail.com

Resumo

O artigo investiga a lírica de Euclides da Cunha a partir da hipótese da “equação lírica”, entendida como princípio estruturador de uma poética fundada na tensão entre ciência e imaginação. Em diálogo com a leitura de Ronaldo de Melo e Souza, especialmente no que concerne à noção de geopoética e à polaridade dinâmica entre razão e sensibilidade, o estudo demonstra que a escrita euclidiana rejeita tanto o objetivismo científico quanto o subjetivismo estético exacerbado. A análise concentra-se, sobretudo, no soneto “Álgebra lírica”, no qual o sujeito poético dramatiza o conflito entre o “gelo atroz” da abstração matemática e o “seio fervoroso” da experiência amorosa, transformando o “X” algébrico em símbolo de síntese existencial. O exame formal evidencia como repetições, sonoridades nasais e estrutura espiralada reforçam o estado de cansaço intelectual e a busca por equilíbrio. O artigo amplia a discussão ao incorporar a leitura de “Lirismo à disparada” e “Num minuto de calma”, poemas que reiteram o movimento de oscilação entre cálculo e lirismo, entre idealização e concretude. A interlocução com o romantismo alemão, especialmente Goethe e Fichte, bem como com ecos baudelaireanos, permite situar Euclides no entrelugar de tradições diversas, revelando a complexidade de sua inserção histórica. Conclui-se que a “equação lírica” constitui uma metáfora epistemológica que expressa a complementaridade entre finito sensível e infinito inteligível, configurando uma modernidade poética singular no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Poesia. Modernismo.

Abstract

This article investigates the lyric poetry of Euclides da Cunha based on the hypothesis of the "lyric equation," understood as a structuring principle of a poetics founded on the tension between science and imagination. In dialogue with the reading of Ronaldo de Melo e Souza, especially concerning the notion of geopoetics and the dynamic polarity between reason and sensibility, the study demonstrates that Euclides' writing rejects both scientific objectivism and exacerbated aesthetic subjectivism. The analysis focuses primarily on the sonnet "Lyric Algebra," in which the poetic subject dramatizes the conflict between the "atrocious ice" of mathematical abstraction and the "fervent bosom" of amorous experience, transforming the algebraic "X" into a symbol of existential synthesis. The formal examination reveals how repetitions, nasal sonorities, and spiral structure reinforce the state of intellectual fatigue and the search for balance. This article expands the discussion by incorporating a reading of "Lirismo à disparada" and "Num minuto de calma," poems that reiterate the oscillating movement between calculation and lyricism, between idealization and concreteness. The dialogue with German Romanticism, especially Goethe and Fichte, as well as with Baudelairean echoes, allows us to situate Euclides da Cunha in the in-between space of diverse traditions, revealing the complexity of his historical insertion. It concludes that the "lyrical equation" constitutes an epistemological metaphor that expresses the complementarity between the sensible finite and the intelligible infinite, configuring a singular poetic modernity in the Brazilian context.

Keywords: Euclides da Cunha. Poetry. Modernism.

1. Introdução

A fortuna crítica de Euclides da Cunha consagrou-o sobretudo como autor de *Os Sertões*, obra situada no cruzamento entre ensaio científico, narrativa literária e interpretação da formação nacional. Contudo, sua produção poética permanece relativamente marginalizada no interior dos estudos

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

euclidianos, apesar de constituir um espaço privilegiado para compreender a dinâmica intelectual que estrutura toda a sua escrita. Se, no plano ensaístico, ciência e literatura já se articulam em tensão produtiva, na lírica essa tensão assume forma concentrada, simbólica e autorreflexiva. É nesse território que se delinea aquilo que este artigo denomina “equação lírica”.

A noção de equação lírica não se reduz à presença de vocabulário matemático na poesia, nem a um simples jogo metafórico entre cálculo e sentimento. Trata-se, antes, de um princípio epistemológico e estético que organiza a escrita euclidiana como tentativa de síntese entre polos tradicionalmente dissociados pela cultura oitocentista: razão e imaginação, objetividade e subjetividade, finito sensível e infinito inteligível. Ao problematizar o excesso tanto do “objetivismo científico” quanto do “subjetivismo estético”, conforme discutido por Ronaldo de Melo e Souza, Euclides inscreve sua poesia no entrelugar de tradições múltiplas — do romantismo alemão ao simbolismo francês — sem se submeter integralmente a nenhuma delas.

Partindo da análise do soneto “Álgebra lírica” e ampliando a leitura para poemas como “Lirismo à disparada” e “Num minuto de calma”, este estudo investiga como a lírica euclidiana dramatiza o impasse moderno entre inspiração e reflexão. Argumenta-se que a “equação lírica” funciona como metáfora estruturante de uma modernidade poética singular, na qual cálculo e canto não se anulam, mas se tensionam e se complementam. Dessa forma, a poesia de Euclides da Cunha revela-se não como apêndice marginal de sua obra, mas como laboratório conceitual de uma estética fundada na complementaridade.

2 Marco Teórico / Resultados

O marco teórico deste artigo ancora-se, sobretudo, na leitura proposta por Ronaldo de Melo e Souza em “A geopoética de Euclides da Cunha”, obra que interpreta a produção euclidiana como resultado de uma tensão constitutiva entre ciência e poesia, razão e imaginação, observação e inspiração. Euclides rejeita o paradigma oitocentista que separava rigidamente arte e ciência, filiando-se antes à tradição romântica alemã da escola de Jena, influenciada por Goethe, Humboldt e Fichte. Nessa perspectiva, a vida é regida por uma polaridade dinâmica: unidade que se duplica e duplicidade que se unifica. Tal concepção sustenta a hipótese central deste estudo: a de que a lírica euclidiana se estrutura como uma “equação”, isto é, como tentativa de síntese entre polos aparentemente antagônicos.

A interlocução com Bernucci e Hardman reforça essa leitura ao evidenciar a complexidade histórica e estética da poesia de Euclides, marcada por múltiplas filiações — românticas, simbolistas, parnasianas — sem se reduzir a nenhuma delas. A crítica ao “objetivismo científico” e ao “subjetivismo estético” extremos, formulada por Souza, torna-se chave interpretativa para a análise

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

de poemas como “Álgebra lírica”, “Num minuto de calma”, “Lirismo à disparada” e “Fazendo versos”. Em todos eles, observa-se uma dramatização do conflito entre o excesso de cálculo e a vertigem da emoção, figurado por imagens como o “gelo atroz”, o “Saara”, o “seio fervoroso”, a “lágrima” e o “rutilante X”.

Como resultado da análise, verifica-se que a “equação lírica” não constitui mero recurso metafórico, mas princípio estruturador da poética euclidiana. A articulação entre melopeia, fanopeia e logopeia — nos termos de Salette de Almeida Cara e Ezra Pound — revela um projeto estético que integra sonoridade, imagem e ideia sob controle reflexivo. Conclui-se, portanto, que a poesia de Euclides da Cunha configura uma modernidade própria, fundada na complementaridade entre o finito sensível e o infinito inteligível, convertendo a tensão entre ciência e lirismo em motor de criação estética.

3. Material e Método

O marco teórico deste estudo estrutura-se, prioritariamente, na leitura proposta por Ronaldo de Melo e Souza em *A geopoética de Euclides da Cunha*, especialmente no que concerne à noção de polaridade dinâmica entre razão e imaginação. Para Souza, Euclides afasta-se do paradigma oitocentista que instituiu a cisão entre arte e ciência, filiando-se antes à tradição romântica alemã — notadamente Goethe, Humboldt e Fichte — que compreende a vida como unidade polarizada. Nessa perspectiva, a duplicidade não implica fragmentação, mas tensão constitutiva que tende à síntese. Tal concepção sustenta a hipótese central do artigo: a “equação lírica” como princípio estruturador da poética euclidiana.

O diálogo com Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman reforça essa compreensão ao evidenciar a inserção múltipla da poesia de Euclides no contexto histórico-literário, marcada por ecos românticos, simbolistas e parnasianos, mas resistente a classificações unilaterais. A crítica ao “objetivismo científico” e ao “subjetivismo estético” extremos, recorrente nos textos teóricos do autor e destacada por Souza, oferece chave interpretativa para a leitura de “Álgebra lírica”, “Lirismo à disparada” e “Num minuto de calma”.

Os resultados da análise demonstram que, em “Álgebra lírica”, a oposição entre o “gelo atroz” da ciência e o “seio fervoroso” da experiência amorosa estrutura-se formalmente por meio de repetições, predominância de sons nasais e movimento espiralado, culminando no “rutilante X”, símbolo da síntese existencial. Em “Lirismo à disparada”, a ironia anticlerical e a interlocução com Voltaire e Comte tematizam o conflito entre racionalismo e transcendência, resolvido no lirismo concreto do amor. Já em “Num minuto de calma”, o sujeito equaciona ideal e realidade por meio da imagem da lágrima, que condensa sensibilidade e reflexão.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

Portanto, a “equação lírica” não é mero recurso metafórico, mas metáfora epistemológica que expressa a complementaridade entre finito sensível e infinito inteligível. A poesia de Euclides da Cunha revela, assim, uma modernidade própria, fundada na recusa dos excessos e na integração produtiva entre cálculo e canto, ciência e imaginação.

4. Resultados e Discussão

Nesta vida, em qualquer dos rumos percorridos, quer nas pesquisas da ciência, quer na contemplação artística, quer nos inumeráveis aspectos da ordem prática, devemos submeter a nossa imaginação à nossa observação, porém de modo que esta não anule aquela. (Euclides da Cunha, em “Castro Alves e seu tempo”)

Estar entre inspiração e reflexão coloca Euclides entre dois abismos, o da criação e o do conhecimento. Segundo Ronaldo de Melo e Souza, em *A geopoética de Euclides da Cunha*, na contramão do projeto educacional mais comum do Ocidente no século XIX, o qual separava a ciência da arte, o escritor fluminense se filia à escola de Jena, responsável por divulgar “a concepção goetheana da complementariedade do uno, do duplo e do múltiplo como regentes da vida cósmica. Essa polaridade da vida significa uma unidade que se duplica, como também, uma duplicidade que se unifica” (Souza, 2009, p.189), de forma que o ser humano, como essência dupla, só poderia alcançar o todo se reunisse a razão da ciência e a razão da poesia.

Ao analisar o pensamento euclidiano com base em cartas, textos teóricos, contos, crônicas, *n'Os sertões* e, até mesmo, em seu primeiro texto publicado no ano em que escrevia *Ondas*, “Em viagem”, Souza defende que há um discurso autoral no escritor, que percorre sua produção, consorciando ciência e arte. É possível dizer que, também, em seus poemas, Euclides busca a totalidade a partir da dualidade subjetiva e analítica.

Euclides, poeta do entrelugar, incorpora em seus poemas o que Souza vai denominar nos demais textos de sua produção de “autorreflexão crítica do poeitar pensante ou do pensar poético”, que “significa sentir o que pensa e pensar o que sente”. Esse pensamento institui “o fundamento da lírica moderna de Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Mallarmé e os demais poetas que poematizam o consórcio do vigor da inspiração e do rigor da reflexão” (Souza, 2009, p.182). Inclusive, essa é uma temática que, também para Bernucci e Hardman, dominará crescentemente a poética de Euclides (Bernucci; Hardman, 2009b, p.340). Segundo os organizadores de sua poesia completa, é possível ver um Euclides resolvendo os impasses que essa dualidade produziu nele e em sua escrita, ao longo de seus poemas (Bernucci; Hardman, 2009b, p.42).

A singularidade do estilo euclidiano se evidencia quando o subjetivismo estético e o objetivismo científico são igualmente excluídos de seus textos ficcionais e não ficcionais. (Ronaldo de Melo e Souza, em *A geopoética de Euclides da Cunha*)

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

O soneto que estudaremos a seguir possui, pelo menos, duas versões de manuscritos com alterações, principalmente, em seu título, sendo uma versão intitulada “Álgebra lírica” (1884), constante no caderno *Ondas*, publicada pelo autor, em 1887, na *Revista da família acadêmica*, e outra, “Amor algébrico” (1885), com manuscrito localizado em sua caderneta de notas. Observa-se a importância que esse poema tinha para o escritor, já que o retomou em momentos diferentes ao longo de sua vida e o levou à publicação. Neste artigo, optamos por analisar a primeira versão, pois foi ela que o escritor escolheu para publicar, em 1887.

Nesse poema, para o eu lírico euclidiano, a busca pelo excesso de razão, que poderíamos denominar, utilizando um termo de Souza, “objetivismo científico”, não faculta que se observe a realidade em sua totalidade. O poeta desvela seu trabalho lírico final como uma construção dual, uma “Álgebra lírica” da vida, lapidando um sujeito que encontra o “X” da equação, a essência da poesia e da existência; quando decide pedir a ajuda “quente” do espaço criativo dos versos “rutilantes”, do “subjetivismo estético”, a fim de se livrar do “gelo atroz” da “ciência fria e vã” e de suas abstrações. Em “Álgebra lírica”, o sujeito equaciona sua vida, primeiro racionalizando seu pensamento e depois buscando a emoção.

Álgebra lírica

Acabo de estudar... da ciência fria e vã
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente
Acabo de arrancar a fronte minha ardente
Das páginas cruéis de um livro de Bertrand.

Bem triste e bem cruel decerto foi o ente
Que esse Saara atroz sem auras, sem manhã
– A álgebra – criou; a mente, a alma mais sã
Nele vacila e cai – sem um sonho virente...

18

Acabo de estudar e pálido, cansado
De umas dez equações os véus hei arrancado.
– Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz...

É tempo, é tempo pois de – trêmulo, amoroso –
Ir – dela descansar no seio fervoroso
E achar de seu olhar – o rutilante X!...

1884

(Cunha, 2009c, p.175)

“Álgebra lírica” é arquitetado a partir do jogo dual entre o que aprisiona, a sobrecarga mental, e o que liberta o eu lírico, a vivência sentimental. O poema é resultado de uma equação que estrutura

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

os versos em forma de espiral, que giram e giram, demonstrando o cansaço do eu lírico pela carga excessiva de sua mente, até alcançar o resultado em seu desfecho, o X. Essa estrutura se aproxima da ideia de tontura, proporcionada ao sujeito que se submeteu a tantas horas de análises: “o gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente”. Com a repetição seguida das palavras, o verso transmite a ideia do cansaço do eu lírico em debruçar-se, durante muito tempo, sobre uma questão a fim de solucioná-la, com a agudeza paralítica do gelo, causada pelo excesso de exercícios mentais. Outros versos também propõem voltas a partir de repetição de palavras, como: “É tempo, é tempo pois de – trêmulo, amoroso”. Contudo, nesse caso, a repetição acelera a última estrofe e transmite a ansiedade do sujeito em dar por encerrada a questão que o aflige.

Quanto à sonoridade, esse poema é marcado pela predominância de sons nasais, como destacado nos vocábulos: vã, mente, ardente, Bertrand, ente, manhã, sã, virente, cansado, arrancado, sonho, bem, trêmulo, descansar, *spleen* e arrancar. Essa escolha de fonemas contribuiu para que ele expressasse o aprisionamento do eu lírico diante do excesso de abstração, demonstrando a clausura e o tédio causados pela sobrecarga mental.

Nesse soneto, a eroticidade é exaltada, principalmente, na última estrofe, quando o eu lírico fala do encontro com o “seio fervoroso”, que o deixará “trêmulo”, como também acontece no prazer de desvendar as questões arrancando seus “véus”, que o deixam de frente “ardente”. Percebe-se, então, que tanto o pensamento como a vivência amorosa se conectam ao erotismo do poema. É possível apontar que o relacionamento amolece o sujeito, deixa-o trêmulo, enquanto o raciocínio congela a mente.

No encontro referido na última estrofe, percebemos que há uma ambiguidade quando o eu lírico aponta que irá “dela descansar” e “achar de seu olhar”. Nesse caso, pode estar se referindo à própria “ciência fria e vã”; então, diz que somente desvendará o resultado de tantas camadas de pensamento, dos “véus”, ao dar-se folga do plano mental e mover-se para vivenciar o amor.

Em conferência ministrada no Centro XI de Agosto, intitulada “Castro Alves e seu tempo”, Euclides defende uma forma de construir o texto que alie ciência à arte, fundamentando sua argumentação na contraposição da infinitude da poesia e da matemática, alegando que era, no passado, um “obscuro e pertinaz estudante de matemática”, mas que o percurso da vida o fizera modificar sua característica. Observe-se o fragmento a seguir:

Quer dizer: precisamente quando mais adorável se nos mostra o quadro desta vida, e o seu vigor desponta da mesma ansiedade de viver, tive que contemplar o universo vazio e parado — apagadas todas as luzes, extintos todos os ruídos, desaparecidas todas as cousas, desaparecida a própria matéria — de sorte que nessa abstração, a aproximar-nos do caos, permaneçam, como atrativos únicos, a forma, nos seus aspectos irreduzíveis, e o número e sinais completamente inexpressivos. Pois bem; folheando, há pouco, os meus velhos cadernos de cálculo transcendente, onde se traçam as integrais secas e recurvas ao modo de

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

caricaturas malfeitas, de esfinges, e onde o infinito, tão arrebatador no seu significado imaginoso, ou metafísico, se desenha, secamente, com um oito deitado, um número que se abate, desenhando, de uma maneira visível, a fraqueza da nossa inteligência, a girar e a regirar numa tortura de encarcerada, pelas voltas sem princípio e sem fim daquele triste símbolo decaído — deletreando aquelas páginas, saltavam-me singularíssimas surpresas (Cunha, 2009b, p.563).

Nesse trecho da conferência, assim como no soneto, vemos que, para o poeta Euclides, apenas a objetividade não dá conta de alcançar a transcendência da imaginação e da própria matemática, ambos abismos imensos. O autor, a partir da inversão do número oito para a representação do infinito, ilustra uma forma de se alcançar a grandeza da capacidade humana de criação utilizando apenas um algarismo. Somente a partir da criatividade, capaz de imaginar o número oito a “girar e a regirar”, pode-se vê-lo como símbolo do infinito transcendendo a racionalidade. Em “Álgebra lírica”, há a tematização da incapacidade do excesso de esforço cerebral encontrar sozinho um significado para as questões gerais da humanidade; é preciso ter vivência sentimental.

A abstração mental, para o sujeito, cabe na grandeza de um Saara, ele a admira, mas ela é cansativa. O eu lírico procura uma outra equação ideal, uma que contemple a ciência que gela a mente e, também, um “seio fervoroso”, pois só na composição dessa lírica poderá encontrar o “rutilante X”. Antes de tudo, há o desejo de aparar excessos e viver entre a abstração e a ação.

As imagens apresentadas no poema, tanto o Saara como o gelo, imprimem uma visão de terra inacabada, de uma terra em gestação. Segundo Souza, o pensamento euclidiano, em geral, estimulado por Humboldt, realiza uma teoria geopoética do horizonte, na qual se analisa a visão humana do mundo. O horizonte sugere a infinitude potencial do que reside além dos limites visíveis e se define como imagem que inscreve o rigor do pensamento inteligível no vigor da plenitude sensível, de forma que o mundo se apresenta sempre em perspectiva: “No horizonte, interligam-se dois mundos, um que se vê aquém, outro que se imagina além da linha que delimita a visão. Sempre visível aos olhos, jamais acessível aos passos” (Souza, 2009, pp.31-33). Sendo a álgebra um “Saara atroz”, só se poderia alcançá-la em seu horizonte com a ajuda da plenitude sensível, a partir da imaginação do que existe além do que se pode ver.

“Álgebra lírica” promove a busca da origem total do homem, um ser heterogêneo capaz de unir e não dissociar. De acordo com a concepção goetheana, com a qual Euclides comungava pela escola de Jena, a vida é regida pelo duplo, que ora unifica uma duplicidade, ora duplica uma unidade. E somente assim, a partir dessa polaridade, o homem alcançaria o íntegro (Cf. Souza, 2009, p.189). No trecho a seguir, em carta ao seu amigo Escobar, o autor escreve sobre seu pensamento poético duplo e define-se como um escritor de “inteligência rebelde e sonhadora” porque submete seus estudos mais positivos a idealizações, por isso é um “romântico incorrigível”:

Sou o mesmo romântico incorrigível. A idealização submeto-a aos estudos mais positivos,

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026**

envolvo-a no cíclico dos algarismos, esmago-a no peso das indagações as mais objetivas – e ela revive-me cada vez maior e triunfante. Ora, nesta quadra de “grandes nivelamentos”, talvez tenha realmente uma função providencial o aprumo de uma inteligência rebelde e sonhadora (Cunha, 1997, p.358).

O homem, para alcançar o todo em “Álgebra lírica”, deveria contemplar seu lado objetivo e subjetivo. Quando Euclides define sua escrita como fruto da união da parte racional da psique ao sonho, demonstra, novamente, o entrelugar poético que gostaria de alcançar.

Segundo Ronaldo de Melo e Souza, o escritor, na conferência sobre Castro Alves, assinala a inexistência de fronteira entre o cientista e o poeta porque conjectura que os cientistas também romanejam, como, por exemplo, na química, quando analisam o “simbolismo imaginoso da arquitetura atômica de seus corpos simples” (Cunha *apud* Souza, 2009, p.161). Sendo assim, pode-se ver o algébrico também como um poeta, e o poeta, que não se deixa levar pelo excesso de subjetivismo, como um algébrico, realizando, assim, a ciência das letras.

De acordo com Bernucci e Hardman, em “Antes dos versos”, prefácio de Euclides ao livro *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, ele valoriza o sublime romântico na arte moderna, em que “acaso, caos e sonho podem fazer parte tanto do ideário científico como do artístico” (Bernucci; Hardman, 2009d, p.307).

Refletindo sobre o pensamento euclidiano, que comunga caos e sonho com o ideário científico, segundo Souza, como cientista ou poeta, principalmente como cientista e poeta, não importava a Euclides somente observar “com a ótica monocular dos conceitos solidificados”. Era preciso conciliar a imaginação poética e a observação científica; caso contrário dissolveria a solidez dos conceitos na fluidez das imagens, não obtendo uma visão genuína do mundo (Souza, 2009, p.121). Euclides, quando faz e pensa literatura, reconcilia o homem com o princípio da formação e transformação incessante pela qual passamos na vida, da mesma forma, que passa também a natureza. O Saara é constantemente transformado por suas dunas, assim como as geleiras derretem ou se enrijecem. O homem em constante mudança é dual e somente de forma dual, como poeta e cientista, poderá compreender seu entorno, que também é plural.

Na terceira estrofe do poema “Álgebra lírica”, a partir do termo *spleen*, é possível fazer referência ao livro de Baudelaire *Le spleen de Paris*. O eu lírico de “Álgebra lírica” também se entontece com a melancolia e imensidão, como em Baudelaire, alcançando, em totalidade, o *spleen*, uma imensa onda de tédio, recoberta de giz, variante do elemento carbonato de cálcio, possível símbolo de um vazio existencial. Essa relação com o poeta francês é apontada também por Bernucci e Hardman, ao discorrerem que esse soneto é “perfeito em sua arquitetura que respinga ecos baudelairianos” (Bernucci; Hardman, 2009, p.224). É importante destacar, ainda, que, no fac-símile do manuscrito da variante de “Álgebra lírica”, ou seja, em “Amor algébrico” (Bernucci; Hardman, 2009, p.380), os termos “spleen” e “giz” aparecem sublinhados ganhando destaque como as palavras

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

mais importantes do soneto para o escritor.

Segundo Bernucci e Hardman, os poemas de Euclides transpiram a poesia de Baudelaire e, apesar disso, apontam, muitas vezes, para uma direção romântica, indicando certa complexidade de exame de seus versos: “devido à sua múltipla inserção no contexto da história literária do período e a dificuldade, quando não inocuidade de tentativas de classificação unilaterais” (Bernucci; Hardman, 2009, p.29).

Apesar das influências baudelafricanas encontradas em seus poemas, Euclides, em “Antes dos versos”, satiriza os *poètes maudits* denominando-lhes “ignorantes” por serem descrentes e incompatíveis com os novas ideias das ciências modernas. Realiza uma crítica a Baudelaire e o que chama de disparates de seu “bárbaro misticismo”, tendo o poeta francês se autodefinido, para Euclides, perfeitamente, como “*un cimetière, où, comme des remords, se traînent des longs vers...*”¹.

O escritor alega, também, que a última fase revolucionária da poesia de sua época havia se caracterizado pelo contraste entre a decadência dos que falseiam escrever poesia e a expansão do sentimento estético da humanidade. Mas, para ele, o que muitos apontavam como fim da poesia é a maior demonstração de sua vitalidade, excesso e desequilíbrio; ocasionados pela incapacidade de compreender o pensamento moderno (Cunha, 2009a, p.585).

Em “Antes dos versos”, defende que tematizar a poesia era muito importante, mas sem que isso se tornasse um exagero. Explana ainda, em seu texto, sobre uma “longa cadeia de agitados”, relega aos parnasianos a “idiotice de seu culto fetichista da forma”, e aos simbolistas, a “loucura de suas ideias exageradamente subjetivas”. Leia-se a seguir:

Não seria difícil mostrar no desvio ideativo de Mallarmé, ou Verlaine, como outrora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfalecidos de todos os fracassos irritáveis, reconhecendo-se inaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das ciências naturais interpretadas pelo evolucionismo reage sobretudo e tudo transfigura, desde a ordem política, onde se instaura o predomínio econômico dos povos antigos, glorificados na inspiração prodigiosa de Rudyard Kipling, até a filosofia moral, onde se levanta a aristocracia definitiva do homem forte, lobrigado pela visão estonteadora do gênio Friedrich Nietzsche. Então veríamos malgrado as blasfêmias de tanto verso convulsivo, como um falso ceticismo pode significar a última tentativa da retrógrada explicação deísta do universo (Cunha, 2009a, p.584).

O pensamento poético de Euclides combate o exagero nos temas e na forma, seja ele qual for, ora pendente para a razão científica, ora pendente para a imaginação. O sujeito de “Álgebra lírica”, que tateia dois abismos, o da psique e o da vivência, depois de realizar uma profunda análise abstrata de cálculo, quer descansar nos seios fervorosos, realizar uma equação entre abstração e o palpável produzido pela relação humana; sem abrir mão do soneto como campo para o cálculo das letras, arquitetando a álgebra lírica, que podemos apregoar como uma ciência de cálculos existenciais representada por versos.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

Em acordo com seu pensamento de entrelugar da ciência e da arte, pungente nesse poema, no trecho a seguir, retirado da conferência “Castro Alves e seu tempo”, Euclides tece novamente considerações sobre a conciliação que sua reflexão buscava alcançar e que julgava ser ideal no ato de arquitetura poética, nem mística, nem empírica:

Isto é, que os fatos, reunidos pela ciência, não se agreguem numa pesada e árida erudição, e só nos tenham a valia que se derive de suas leis; que os modelos, ou objetos do nosso descortino artístico, não se submetam em tanto extremo à ordem material, que nos extinguem o sentimento profundo da natureza, apequenando-nos num raso realismo; e que as exigências utilitárias da vida prática, o ansiar pelo sucesso, a nobre vontade de vencer com os recursos que crescem, a subir, desde a riqueza até o talento, não rematem fechando-nos o coração e exsicando-nos o espírito, deixando-no-los sem as fontes inspiradoras da afetividade e das nossas fantasias. Nem místicos, nem empíricos (Cunha, 2009b, p.580).

O poeta engenheiro, nesse trecho, propõe a poda do excesso de razão e do excesso de imaginação, a partir do exercício do homem dual. Em “Álgebra lírica”, na perspectiva do aluno de matemática que passa horas desvendando as equações dos livros de Joseph Bertrand, o sujeito não se desenlaça do abstrato, contempla o horizonte do “Saara atroz”, com os exercícios de matemática, não alcançando o que há além do que se pode ver na linha do horizonte. Imagina-se o que há além, mas não se pode chegar lá, pois o sujeito está congelado, não há nenhum “sonho virente” na mente que cai no Saara porque eles não são realizados. O sonho só se torna vivo quando concretizado no seio fervoroso. Arrancam-se os véus de nosso inconsciente, na tentativa de desvendar as equações de nossos pensamentos.

Para o eu lírico, com a experiência do toque no “seio fervoroso”, pode-se achar o “rutilante x”. Diferente do giz branco, de cal, o x final preenche, dá completude ao eu lírico, que, em sua duplicidade, algébrica e poética, tornou-se uno depois do encontro com o “seio fervoroso”. Daí, vê-se que o poeta submete a razão ao crivo das emoções, e vice versa, sem que uma anule a outra. Em correspondência de 1904, Euclides escreve:

Ainda hoje, a pedido do Mesquita, procurei traçar um ligeiro esboço da agitação da Independência – mas nada consegui escrever, sob a angústia desse parafuso sem fim que me atravessa a cabeça de lado a lado. Por outro lado uma sobrecarga intelectual assombrosa! Só respiro senos, cossenos, tangentes e tudo quanto há de seco e brutalmente insípido em matemática. Estou vendo que um dia acordo desfeito em raiz quadrada...(Cunha, 1997, p.227)

A referência irônica de Euclides à insuficiente e insípida matemática nos remete ainda a um apontamento que Souza faz sobre o pensamento filósofo alemão Schlegel, por quem Euclides nutria muita admiração: “o finito sensível e o infinito inteligível são dois polos de uma mesma unidade polarizada. Tese e antítese constituem a tensão polar da aparência finita e da ideia infinita. A consciência nostálgica do infinito é balanceada pela experiência concreta do finito” (Souza, 2009,



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

p.181). Nesse caso, podemos dizer que a vivência amorosa e as abstrações mentais, unidas, serão “aparência finita e ideia infinita”.

No poema a seguir, “Lirismo à disparada”, escrito em 1889 e publicado em *Jornal do Comércio*, em 1908, o eu lírico encontra Voltaire e Comte, baluartes do Iluminismo e Positivismo, respectivamente, “em pleno boulevard da Via Láctea”.

Lirismo à disparada

Eu sou por certo um ente abominável
A quem nenhuma penitência salva
Não tiro o meu chapéu à Divindade...
“E dizem que perdi a Estrela d'Alva”...

E tão viciado que ainda hoje, à noite,
Um pelotão de serafins risonhos
Em pleno boulevard da Via Láctea
Prendeu-me porque eu “stava ébrio... de sonhos!

Escândalo no céu! Os santos todos,
Perdendo as composturas consagradas
Atiravam-me estrelas, como pedras,
E riam-se a bandeiras despregadas.

Um desacato escandaloso... e como
O supremo Fiscal, nessa emergência,
Não conteve os seráficos garotos,
Denunciei à polícia a Providência.

Fiz bem. A rixa é velha. Há muito tempo
Que eu, o Voltaire e o Comte nem o intento
Podemos ter de passear à noite
Na grande praça azul do Firmamento.

Se o fazemos, apagam-se as lanternas
Dos sóis, num pronto e momentâneo eclipse,
E vemo-nos nas trevas, entre os coices
Da besta divinal do Apocalipse!

Não vou mais lá, por isso... Mas que importa...
Por que falar nesses sucessos tristes?
Trancam-me os céus: eu tenho o teu olhar...
Nem me faz falta Deus – pois tu existes!

O poema, revestido de ironia, tematiza a vontade de unir ciência à imaginação e a perseguição que o eu lírico enfrenta por intentar fazê-lo. Na primeira estrofe, através de “Estrela d’Alva” temos uma duplicidade de significado. Esse termo faz referência tanto ao planeta Vênus, inserido no universo semântico tematizado no poema através de outras palavras, como céus, eclipse e via láctea; como, também, refere-se a Lúcifer, realizando oposição à divindade que aparece no poema. De acordo com a Bíblia (Isaías 14: 12), Lúcifer, do latim *Lux fero*, significa estrela da manhã, estrela d’Alva, astro brilhante, ou o próprio planeta Vênus, que é visível antes do alvorecer; como atribuição a uma pessoa, seria aquele que carrega a luz. Nesse caso, o eu lírico, o qual “não tira o chapéu à Divindade”, segundo “dizem”, havia “perdido a Estrela d’Alva”. Ou seja, para alguns, o sujeito havia perdido a fonte de luz que o guiaria em meio à escuridão total da noite, já que Vênus é o corpo celeste mais brilhante no céu da noite, atingindo maior luz algumas horas antes do nascer do Sol.

As duas estrofes que se seguem mostram o sujeito sendo preso e julgado por “serafins risonhos” e “santos” “consagrados” porque havia se entregado à ebriedade de seus sonhos. O eu lírico, recorre, então, à Providência, que, de acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2013), é a sabedoria suprema com que Deus conduz todas as coisas.

Na quinta estrofe, o sujeito esclarece que a rixa é antiga e, ironicamente, diz que há muito tempo não pode passear com Voltaire e Comte pela “praça azul do Firmamento”, ou seja, pelo céu azul, à noite. Entende-se que andar com os mestres do Iluminismo e do Positivismo, respectivamente, por um ambiente escuro e nebuloso mas iluminado pela Estrela D’Alva, como o dos sonhos, seria um crime.

A alusão ao Iluminismo aparece, novamente, na sexta estrofe, quando o poeta, Voltaire e Comte vão a passeio no Firmamento, são apagadas as “lanternas dos sóis” e eles são atirados nas “trevas”, escoiceados pela “besta divinal do Apocalipse”. A imagem da luz do Sol provinda de uma lanterna ilustra a consistência desse brilho que se manifesta pequeno, através da lanterna, mas vem de um astro tão grandiloquente, o Sol. A última estrofe mostra um eu lírico conformado em não mais voar pelo Firmamento, em virtude da concretização da realização amorosa.

Assim como “Álgebra lírica”, “Lirismo à disparada” também clama por uma necessidade de unir a consciência racional e a criativa. Numa clara alusão ao anticlericalismo de Euclides, as “luzes” divinais são preteridas pelo eu lírico, já que ele vive nas “luzes” de Voltaire e Comte, trevasas sob o ponto de vista da religião e dos que dizem que ele perdeu a Estrela D’Alva, tal como ocorrera com Lúcifer. Do mesmo modo, o eu lírico opta, no final, por distanciar-se de Deus e largar-se, disparadamente, a outra forma de transcendência, o lirismo da concretude do amor material, sem desatar as mãos de Voltaire e Comte.

Estudo dia e noite. Já não sou um homem: sou uma preocupação. Há dias sonhei que era uma



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026**

ideia, real, positiva, uma Ideia das de Platão a vagar na terra. (Euclides da Cunha em
Correspondência de 6 de fevereiro de 1909)

O receio de se jogar no abismo puramente artístico, ou no abismo científico, também surge na escolha temática que vaga entre o mundo imaterial e o material. No poema a seguir, pertencente ao caderno *Ondas*, o eu lírico, em meio ao turvo momento da comoção, viajando pelo caminho da fantasia, clama pela calma proporcionada pela razão. É possível perceber que, tanto em “Álgebra lírica” como em “Num minuto de calma”, a procura acontece por elementos palpáveis através do “seio fervoroso” naquele, e através da lágrima neste.

Num minuto de calma

‘Stou farto de ideais....
Ó róseas utopias
Que ergui nas névoas frias
Dos ermos areais....

– Astros que cintilais
Em meio das sombrias
Procetas de agonias –
– Eu vos não quero mais...
Auroras, ilusões

Ide.... que das paixões
Se rompa o férreo dique...
Da dor, trave-se a lide
Na treva – ó astros – ide...
A lágrima que fique!...
(Cunha, 2009c, p.140)

Nesse poema, o eu lírico se encontra desolado e sem fé na vida; não lhe interessa mais crer em seus sonhos antigos. Em seu momento atual, esse sujeito consegue racionalizar seus sentimentos e perceber que seus ideais são ilusões que construiu quando a emoção o dominou. É na claridade seca, depois das procetas, sem “névoas sombrias” e sem “róseas utopias”, que o eu lírico quer a visão do real para travar a luta com a dor.

Como se saísse de uma caverna platônica, o sujeito quer, sem arroubos ou escassez, fechar os olhos, contemplar a “treva” e inspirar-se pela sua lágrima chorada. Em “Num minuto de calma”, saber ver o real admite ter visto antes o ideal. É preciso atravessar o caos do mundo sensível para atingir uma espécie de pureza, somente alcançada através da reflexão iluminada. O sujeito destrói esse ideal para alcançar o palpável, mas essa tangibilidade é de apenas um minuto, de todas as horas a serem preenchidas, só um minuto é reservado à razão. Todos os outros minutos são dedicados à construção de utopias. Vão as ideias, mas ficam dor e calma, que, equacionadas à memória, buscarão, nas experiências vividas nos “ermos areais”, a serenidade para transformar os ideais de outrora em algo concreto: a lágrima.

É possível notar, nesse caso, que não há abandono nem excesso de razão, já que não é possível dizer que uma situação cujo produto final é a lágrima seja ausente de sentimentalismo, contudo existe arquetamento de uma equação de emoções e pensamento racional.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

Mesmo tendo saído de uma caverna platônica, o sujeito conserva sua lágrima, provocada pela sensibilidade equacionada à razão. De acordo com Souza, Euclides renega “o predomínio do platonismo em sua dupla versão metafísica e científica”. Não há, dessa forma, “o antagonismo da razão e da imaginação, responsável pelo divórcio da ciência e da arte” (Souza, 2009, p.177), como era costume no pensar predominante no Ocidente na época do escritor. Por isso, Euclides “dialoga com interlocutores distantes, como os poetas cientistas e os cientistas poetas da escola romântica alemã, particularmente o grupo que se formou em torno da obra de Goethe, Humboldt e Fichte” (Souza, 2009, p.177). Seu pensamento poético vagueia entre os abismos do sensível e da razão, sem querer se render por total a nenhuma dessas perspectivas.

É possível perceber, em “Antes dos versos”, que o autor destaca a frase de um naturalista, o qual propõe que um homem intimizado com a natureza une as ideias de um artista, de um cientista e de um filósofo; comparando-o à ideia de Fichte, o qual se notabilizou por recuperar a imaginação na poesia (Souza, 2009, p.178):

Submetidos à unidade do universo, sejamos cada vez mais a própria miniatura dele e possamos traduzi-lo sem falsificá-lo, embora o envolvamos nos véus simbólicos da mais ardente fantasia. “Nesta altura, todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é – isoladamente – artista, poeta, sábio ou filósofo. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é íntegra”. A frase é de um naturalista. Mas vê-se que ela reproduz, hoje, transcorrido um século de atividade intelectual, quase literalmente, o idealismo filosófico de Fichte. É compreensível. E dela se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a fantasia criadora, o poeta, continuamente mais próximo do pensamento, vai cada vez mais refletindo no ritmo dos seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza (Cunha, 2009a, p.441).

É possível verificar nesse trecho como Euclides reconhece a fantasia como força capaz de moldar o tangível e por isso se fascina tanto pelos escritos de Fichte, os quais legitimam a “razão como coadjuvante da inesgotável ação produtiva da imaginação.” “No intercâmbio dialógico da força instável da imaginação e da forma estabilizadora da razão é que se produz o conhecimento” (Souza, 2009, p.179). As “róseas utopias” e as “auroras ilusões”, a qual se refere Euclides no poema, são úteis para edificar a compreensão total do mundo, são os recursos que moldarão o real.

As rimas finais, de cada verso dos quartetos de “Num minuto de calma”, cumprem o papel de desabar os “ermos areais” do eu lírico. Para tanto, nas duas primeiras estrofes, os versos terminam em rimas abraçadas [ais] e [ias], com o objetivo de arquitetar uma sonoridade de desarquitetamento, vê-se que até mesmo as palavras que originam as rimas são abstratas ou sugerem ideias abstratas. É a partir da desconstrução de ideias das estrofes iniciais que o terceto edificará uma nova ideia.

Há um momento nebuloso de travessia, no terceto, marcado pelas rimas nasais [ões], que representam uma espécie de clímax do poema, pois concentram, em seus dois versos, a passagem do dismantelamento de ideais pregressos para a construção de novos rumos. Posteriormente, no segundo verso da terceira estrofe, a palavra “Ide”, formando rima interna com as palavras finais dos versos

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026

seguintes, “dique”, “lide”, “ide” e “fique”, aparece entre as rimas nasais [ões] para anunciar a mudança sonora que se seguirá. É um presságio em meio ao fechamento que as nasais provocam na sonoridade da terceira estrofe.

As rimas finais passam a ser [ide] e [ique] e contribuem para a edificação do que será construído. Quando o “férreo dique”, no final do terceto, é rompido, desvela-se o que antes era encoberto pelo excesso de emoção. O “férreo dique” representa os olhos, os quais, metaforicamente fechados pelas “auroras ilusões”, não permitiam que as lágrimas corressem e que se travasse a luta com dor, por isso é preciso rompê-lo para que a água corra.

A importância do dismantelamento das ilusões para se alcançar a realidade da lágrima é figurada pelo verso único que encerra esse poema. Segundo Bernucci e Hardman, destaca-se nos poemas de Euclides o verso final separado como estrofe única, uma técnica de retórica parecida com a d'*Os sertões*, que possui uma única frase em seu último capítulo (Bernucci; Hardman, 2009b, p.212).

Considerações Finais

A análise da lírica de Euclides da Cunha permitiu demonstrar que a chamada “equação lírica” não constitui mero artifício metafórico, mas princípio estruturador de sua concepção estética e epistemológica. Ao longo do artigo, evidenciou-se que o poeta engenheiro constrói sua escrita no interior de uma tensão produtiva entre ciência e imaginação, razão e sensibilidade, cálculo e experiência amorosa. Essa polaridade não se resolve por exclusão de um dos polos, mas por sua integração dinâmica, em consonância com a tradição romântica alemã e com a crítica formulada por Ronaldo de Melo e Souza.

A leitura de “Álgebra lírica” revelou como a estrutura formal do soneto, a predominância de sons nasais, o movimento espiralado dos versos e a culminância no “rutilante X” figuram simbolicamente a busca de síntese entre o “gelo atroz” da abstração matemática e o “seio fervoroso” da experiência sensível. Em “Lirismo à disparada”, a ironia anticlerical e o diálogo com Voltaire e Comte reforçam a recusa do exclusivismo religioso ou racionalista, enquanto “Num minuto de calma” explicita a necessidade de atravessar o caos das ilusões para alcançar uma forma de lucidez que não anule a emoção. Em todos esses poemas, o sujeito lírico equaciona abismos — o da psique e o da vivência — convertendo-os em matéria poética.

Constata-se, assim, que a poesia euclidiana realiza uma modernidade singular no cenário brasileiro, ao propor uma estética da complementaridade. Nem místico, nem empírico; nem puramente romântico, nem estritamente científico, Euclides da Cunha inscreve-se no entrelugar de tradições diversas, recusando classificações unilaterais. A “equação lírica” emerge, assim, como metáfora epistemológica de um pensamento que concebe o finito sensível e o infinito inteligível como



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026**

polos de uma mesma unidade. Ao integrar cálculo e canto, reflexão e inspiração, sua lírica revela-se verdadeiro laboratório conceitual de uma visão de mundo em que ciência e poesia não se excluem, mas se iluminam reciprocamente.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Saraiva, 2012.

_____. **Pequenos poemas em prosa. Spleen de Paris**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. **Poesia e prosa**. Org. Ivo Barroso. Trad. Alexei Bueno; Aurélio Buarque de Hollanda; Suely Cassal; Ivan Junqueira et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. [Obras escolhidas III].
BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

BERNUCCI, Leopoldo M. “A poesia romântica de Euclides: o caderno Ondas”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (Org.). **Euclides da Cunha: presente e plural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.123-153.

_____. “Imagens utópicas e distópicas do deserto e da floresta em Euclides da Cunha”. Revista Signótica, v.23, nº1, pp.107-124, jan/jun. 2011. (Trabalho apresentado no Center for Latin American Studies of Stanford University – Palo Alto, CA, USA, em 23 de fevereiro de 2011. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/16148/103556y> Acesso: 02 fev de 2015.

_____. “Inéditos e dispersos”. In: **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA EUCLIDES DA CUNHA**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, n.13 e 14, 2002.

_____. ; HARDMAN, Francisco Foot. “Prefácio”. In: CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha: poesia reunida**. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009a.

_____. “Ondas: nota prévia”. In: CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha: poesia reunida**. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009b.

_____. “Dispersos: nota prévia”. In: CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha: poesia reunida**. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009c.

_____. “Poesia postal: nota prévia”. In: CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha: poesia reunida**. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009d.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. **BÍBLIA**: A Bíblia sagrada. São Paulo:



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026**

Editora Ave-Maria, 2001.

COELHO, Teixeira (Org.). **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra S/A, 1988.

CUNHA, Euclides da. “**Antes dos versos**”. In: _____. **Obra completa**. Organização de Paulo Roberto Pereira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009a, v.1. pp.582-591.

_____.

“**Castro Alves e seu tempo**”. In: _____. **Obra completa**. Organização de Paulo Roberto Pereira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009b, v.1. pp.563-581

_____. **Correspondência de Euclides da Cunha**. Organização de Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **Euclides da Cunha: poesia reunida**. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009c.

_____. **Obra completa**. Organização de Paulo Roberto Pereira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009d, v.1.

_____. **Obra completa**. Organização de Paulo Roberto Pereira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009e, v.2.

_____. **Os sertões – Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. São Paulo: Duas cidades, 1978.

PEIXOTO, Sérgio A. **A consciência criadora na poesia brasileira: do Barroco ao Simbolismo**. São Paulo: Annablume, 1999.

PIETRANI, Anélia Montechiari. (org.). **Euclides da Cunha: presente e plural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. n.1.,

_____. “**Euclides da Cunha e a poesia do pensamento**”. Pensares em revista. São Gonçalo, p.10-18, jul.-dez. 2015. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/4831/3563>> Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. “Engenhos poéticos de Euclides”. Informativo técnico-científico. Rio de Janeiro: INES, n.32. 2009.

ROMERO, Silvio. “**Explicações indispensáveis**”. In: BARRETO, Tobias. Vários escritos. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com.br/2010/11/explicacoesindispensaveis-1.html> Acesso em: 28 abr 2015



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 20/02/2026 | aceito: 22/02/2026 | publicação: 24/02/2026**

SECCHIN, Antonio Carlos. “**Euclides da Cunha: três faces da poesia**”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari. (org.). **Euclides da Cunha: presente e plural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais**. São Paulo – Feira de Santana: HUCITEC, 2001.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha: esboço biográfico**. In: CARVALHO, Mauro Cesar & SANTANA, José Carlos Barreto. (Ogs.). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.